

A Psicopedagogia no Ensino Superior: Relato de Experiência sobre as Principais Queixas dos Acadêmicos em uma Instituição Universitária no Brasil

Léa Barbosa de Sousa¹; Marisa Pascarelli Agrello²

Resumo: Este artigo tem por intenção apresentar um relato de experiência vivenciada em uma Universidade sobre as principais queixas no acompanhamento de estudantes com dificuldades de aprendizagem. A Psicopedagogia se ocupa das dificuldades de aprendizagem humana e os fatores que interferem no processo de aprendizagem. Este texto propõe uma reflexão sobre os principais assuntos: Psicopedagogia no Ensino Superior e as principais queixas dos Universitários. Dialogando sobre as dificuldades de aprendizagem específicas. Demandas dos atendimentos. Encaminhamentos dos acadêmicos a outros profissionais. Inclusão de alunos com deficiências no Ensino Superior. O acompanhamento Psicopedagógico Universitário é visto pelo Ministério da Educação - MEC como exitoso nas Universidades. As dificuldades de Aprendizagem são muitas e a Psicopedagogia contribui amenizando esse quadro oferecendo apoio psicopedagógico aos estudantes.

Palavras – Chave: Psicopedagogia; Dificuldades de aprendizagem, Ensino Superior.

Psychopedagogy in Higher Education: Experience Report on the Main Complaints of Academics in a University Institution in Brazil

Abstract: This article intends to present an account of experience at a University on the main complaints in the monitoring of students with learning difficulties. Psychopedagogy deals with human learning difficulties and the factors that interfere in the learning process. This text proposes a reflection on the main subjects: Psychopedagogy in Higher Education and the main complaints of University students. Talking about specific learning difficulties. Care demands. Referrals by academics to other professionals. Inclusion of students with disabilities in Higher Education. The Psychopedagogical University follow-up is seen by the Ministry of Education - MEC as successful in the Universities. The Learning difficulties are many and Psychopedagogy contributes by easing this situation by offering psychopedagogical support to students.

Keywords: Psychopedagogy; Learning difficulties, Higher Education;

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - (UVA). Especialização em Psicopedagogia (UVA/UNINTA). Especialização em Ciências Da Educação (UNINTA). Especialização em Didática Do Ensino Superior (UNINTA). Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT/UFC). Doutorado em andamento pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) . Coordenadora da Clínica de Psicopedagogia (UNINTA). Professora de graduação e pós-graduação (UNINTA). lea-b@hotmail.com;

² Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação Piratininga. Mestrado em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos e Doutorado em Ciências Da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal.

Introdução

Falar de Psicopedagogia no Ensino Superior nos dias de hoje, é no mínimo desafiador, por se tratar de um país geograficamente extenso e com uma prática psicopedagógica para muitos ainda desconhecidos, mas, com um valor imensurável nas dificuldades de aprendizagem, não só na Educação Básica, com crianças e adolescentes, mas também com jovens no Ensino Superior e também na terceira idade. Registra-se aqui a relevância desse profissional atuando nessa etapa acadêmica, de grandes transformações, mas ainda pouco divulgada, porém aos poucos ganhando espaço e destaque na ressignificação das aprendizagens anteriores e em uma fase de transição entre a adolescência e a idade adulta.

Sabe-se que o insucesso escolar está presente em todos os níveis educacionais, desde a Educação Básica até ao Ensino Superior, pois, apesar de termos uma Política Educacional preocupada com o desenvolvimento do ser humano e com a formação inicial e contínua dos professores, ainda se têm muitas defasagens e fragilidades em termos de acesso a informação e comunicação, como também às novas tecnologias da informação, propostas pedagógicas inovadoras que elevem tanto o nível de aprendizagem dos alunos, como o nível de ensino dos professores, possibilitando ao educador exercer sua função da melhor forma possível, utilizando os recursos e a criatividade.

Compreende-se que os fatores ambientais estão muito presentes na cultura universitária, requerendo uma visão ampla dos colaboradores da IES, os setores de apoio ao estudante, como apoio psicopedagógico, apoio psicológico devem se alinhar para oferecer atenção e cuidado, pois, não é fácil apresentar dificuldades advindas de várias situações, entre elas, sócios cognitivos, dilemas interiores, conflitos familiares, entre outras situações que interferem nos processos cognitivo.

O Ensino Básico no Brasil formou alunos que durante sua trajetória escolar apresentou muitas dificuldades de aprendizagem, não tendo um Acompanhamento Psicopedagógico Institucional. Os reflexos desse ensino e aprendizagem não acompanhados trouxeram alunos para a Universidade com muitas fragilidades de aprendizagem.

O artigo aborda, portanto, a relevância do atendimento psicopedagógico institucional desenvolvido no espaço clínico de uma faculdade no Brasil, relatando dados significativos sobre as queixas mais comuns dos acadêmicos.

Queremos com este ensaio descrever a relevância do apoio psicopedagógico no Ensino Superior. Com as pesquisas realizadas no Brasil, são poucas as universidades que oferecem um acompanhamento nas dificuldades de aprendizagem do estudante.

Outro fator relevante é a Inclusão de pessoas com deficiências no Ensino Superior. O número de acadêmicos no Brasil com algum tipo de deficiência, é expressivo, e cresce a cada ano. É preciso que as Universidades Particulares e Públicas lancem um olhar a estes jovens e procurem proporcionar um estudo que contemple as dificuldades que eles apresentam. Cada Instituição devem oferecer o melhor que puderem para que estes alunos permaneçam estudando e não se evadam por falta de acolhimento e um olhar humanizado.

A proposta desta escrita é apontar a importância do atendimento psicopedagógico em um centro Universitário no Brasil.

A Psicopedagogia no Ensino Superior e as principais queixas dos Universitários

A falta de motivação e de bases conceituais anteriores, bem como problemas cognitivos relacionados à leitura, compreensão e escrita são as queixas mais relatadas pelos acadêmicos, levando-os muitas vezes a ter o desejo de desistir do curso, colocando essas dificuldades como o insucesso acadêmico.

Outro fator preponderante nas queixas dos alunos são os conflitos e dilemas, de ordem social, familiar, cultural, comportamental, religioso, racial e sexual, interferindo no processo de ensino e aprendizagem, sendo que alguns conseguem lidar com a situação, enquanto outros, não interferindo tanto nas relações quanto no desempenho acadêmico.

O estresse no trabalho, problemas familiares e afetivos como agravam o aproveitamento acadêmico é bastante citado acompanhados pelo Serviço de Apoio Psicopedagógico em Universidades que cada vez mais são ofertados pelas Universidades, Centros Universitários e Faculdades no Brasil.

Nas literaturas que aborda a temática discutida, foi observada a baixa autoestima em sala de aula, o choque de gerações, alunos mais maduros com alunos mais novos, alunos cada vez mais jovens chegando ao Ensino Superior sem maturidade para tal, ou seja, ainda no auge da adolescência, dificuldades de relacionamentos com os colegas, professores com excesso de carga – horária em sala de aula e, portanto, pouco conhecendo seus próprios alunos e suas necessidades, "bullinyg", racismo, preconceitos, entre outros, afetando o desempenho acadêmico.

Observando o contexto histórico, sócio-políticos, culturais, as exigências institucionais, pedagógicas, os aspectos de caráter econômico, psicológico, médicos, entre outros, têm afetado muito o aproveitamento de estudantes e professores, interferindo no rendimento individual do discente no que diz respeito ao ensino e, na aprendizagem, onde o aluno não responde satisfatoriamente aos objetivos e metas sugeridas pelas universidades.

Hoje em dia é muito comum ouvir de alguns estudantes a falta de hábito nos estudos, desorganização no material didático, sentem-se excessivamente cobrados por si mesmo e a família, pelo desempenho ineficiente. Muitos colocam a dificuldade em acompanhar o ritmo da turma, sentem-se isolados por não compreender algumas questões inerentes aos conteúdos, levando – os em alguns momentos desistir do curso escolhido. Não saber estudar ou organizar os estudos, tem sido uma escuta constante nos setores de apoio ao estudante em várias universidades. O desânimo nos estudos têm também afetados a muitos acadêmicos, levando-os a pensarem em desistir da vida acadêmica.

A desmotivação quanto aos conteúdos estudados, não conseguindo relacioná-los com aspectos do cotidiano da profissão futura, entre outras situações, tem levado o estudante a desencadear algumas dificuldades na aprendizagem, desinteresse na disciplina, na aula, na metodologia, entre outros. Outro agravante são as dificuldades na atenção, concentração, memória, interpretação, apresentação de seminário, raciocínio lógico, muito tempo no celular e pouco tempo de estudo, têm contribuído com notas baixas e pouco tempo de estudo dos livros, artigos entre outras metodologias de estudo.

A Psicopedagogia área de atuação em educação e saúde surge para ajudar na prevenção e intervenção das dificuldades de aprendizagem relatadas pelos acadêmicos, com o propósito de intervir ajudando-o a ver a aprendizagem como aliada e não como “inimiga”, a partir do momento que entende que aprender é algo prazeroso, precisando algumas vezes de um aconselhamento, e em outros casos, acompanhamento, visualizando um novo sentido para continuar como "construtor de sua própria aprendizagem".

A Psicopedagogia no Ensino Superior deseja conhecer o que dificulta ou contribui para o sucesso ou insucesso do acadêmico, priorizando o ensino e aprendizagem de qualidade. Executa um trabalho de excelência, priorizando o saber acadêmico, dando apoio em primeira instância ao acadêmico, mas também um olhar voltado aos profissionais da academia orientando os docentes sobre metodologia, didática, relacionamento, sistema de avaliação, entre outras orientações inerentes a prática pedagógica.

Dialogando sobre as dificuldades de aprendizagem específicas

Entende-se que um aluno com dificuldades para aprender um dado conteúdo e não consegue ter êxito, traz consequências para a vida toda, caso não seja observada a contento.

As dificuldades de aprendizagem específicas estão relacionadas aos transtornos que um acadêmico tem trazido, desde a Educação Básica, quando as mesmas presumem-se que são melhores visualizadas e tratadas.

É essencial conceituar aprendizagem na concepção de alguns autores, pois são vários os teóricos e suas definições com relação ao aprender.

Antunes (1999) conceitua aprendizagem como uma mudança relativamente permanente no comportamento e se manifesta como uma forma de adaptação ao ambiente.

O conceito de aprendizagem é complexo, pois existem vários fatores que envolvem o ato de aprender. O ser humano aprende Matemática, Português, Literatura, Dança, e a lidar com a Internet, entre outros. Está sempre aprendendo, evoluindo e por toda vida está apto a aprender coisas novas. Durante todo o desenvolvimento humano até a velhice estar-se-á em constante atividade cognitiva, isto é, aprendendo sempre.

Campos (2007, p. 28) conceitua aprendizagem de acordo como alguns psicólogos sendo: “Um processo de associação entre uma situação estimuladora e a resposta, como se verifica na teoria conexionista da aprendizagem. O ajustamento ou adaptação do indivíduo ao ambiente, conforme a teoria funcionalista”.

Um processo de reforço do comportamento, segundo a teoria baseado em um sistema dedutivo-hipotético, formulado por Hull (1943).

Um condicionamento de reações, realizado por diversas formas, tal como se verifica, por exemplo, no condicionamento contíguo de Guthrie (1948) ou no condicionamento operante de Skinner (1953).

Um processo perceptivo, em que se dá uma mudança na estrutura cognitiva, de acordo com as proposições das Teorias Gestálticas.

Um processo de construção ativa pelas experiências vivenciadas pelo sujeito da ação de acordo com as possibilidades ofertadas pelo meio, cultura e sociedade, segundo Piaget (1980) e Vygotsky (1990).

Rogers (1980) ensinar significar deixar que o outro descubra suas respostas pela ação de acordo com as oportunidades ofertadas pelo meio e também pelo "facilitador", que é o professor. Desta forma o estudante "aprende".

O ser humano aprende conforme a sua adaptação ao meio e desse meio modifica sua forma de aprender, no entanto existem muitos problemas, transtornos e dificuldades de aprendizagem que interfere nesse processo. Vamos expor as principais dificuldades que interferem no processo de ensino e aprendizagem no Ensino Superior.

Iniciaremos falando do Transtorno de Déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), atualmente muito presente na Universidade, são muitos os acadêmicos que apresentam TDAH, ressaltamos que os acadêmicos acompanhados pelo apoio psicopedagógico que apresentam TDAH ingressaram no ensino superior com o transtorno, não impedindo o estudante de ter êxito nos estudos, é necessário uma organização no horário para estudar e nos casos mais avançados de TDAH encaminhamos ao neurologista ou outro profissional dependendo das queixas.

Para melhor esclarecimento, o TDAH é um transtorno hereditário, muitos adultos não sabem que tem; para o diagnóstico desse transtorno uma avaliação multidisciplinar é necessária, psicopedagogo, psicólogo, neurologista, entre outros profissionais especializados.

De acordo com o manual mais usado pelos profissionais para a identificação do TDAH, (DSM-5 – 2014, p. 103) seis ou mais sintomas de qualquer das listas a seguir sugerem a presença do transtorno:

Desatenção

- Com frequência deixa de prestar atenção a detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares, de trabalho ou outras;
- Com frequência, tem dificuldades para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas;
- Com frequência parece não escutar, quando lhe dirigem a palavra;
- Com frequência, não segue instruções e não termina seus deveres escolares e tarefas domésticas;
- Com frequência, tem dificuldade para organizar tarefas e atividades;
- Com frequência, reluta em envolver-se em tarefas ou atividades ou evita-as;
- Com frequência, perde;
- Distrai-se facilmente com visões e sons irrelevantes;
- Com frequência, apresenta esquecimento em tarefas diárias;

Caso o professor ou familiar presenciar cenas como esta, no dia a dia em sala de aula ou, a família em casa, devem encaminhar a um especialista.

Hiperatividade e Impulsividade

Os sintomas nos universitários com relação à hiperatividade e impulsividade segue o mesmo ritmo da criança e do adolescente, com algumas diferenças, as crianças e os adolescentes não param, sobe em cima dos moveis, têm uma agitação acentuada conforme a idade, a agitação

nos adultos é mexer nos objetos que encontram a sua frente, exemplo, lápis, borracha, caneta, mexe com as mãos, bate os pés, levanta e senta, apresentam uma inquietude não se concentrando nos estudos e nem no acompanhamento psicopedagógico (observações realizadas em atendimento).

Outra dificuldade acentuada no atendimento Psicopedagógico no Ensino Superior são os transtornos da linguagem, **dislexia, alexia, afasia, apraxia** os três últimos bem menos, mas, achamos conveniente escrever a respeito do assunto para título de informação, esclarecemos ainda, que a alexia, afasia e apraxia não são da área psicopedagógica, o profissional da fonoaudiologia trata desses transtornos. Os acadêmicos acompanhados pelo apoio psicopedagógico, alguns diagnosticados na infância, ainda em tratamento expõem durante a queixa esses transtornos, não atrapalhando a vida acadêmica, isto é, quando é acompanhado por profissionais qualificados.

Dislexia como bem conhecida é a mais observada no meio acadêmico, é uma palavra que deriva do grego. “Dis” (dus) significa dificuldade e “lexis”, linguagem. Portanto, dislexia é o nome que se dá à dificuldade que algumas pessoas apresentam para aprender a ler, escrever ou para compreender o texto que leem também soletrar, ainda o autor a dislexia é uma das diversas incapacidades distintas na aprendizagem. É um distúrbio específico baseado na linguagem, de origem constitucional, caracterizado por dificuldades na decodificação de palavras isoladas, que geralmente refletem habilidades insuficientes de processamento fonológico. Essas dificuldades na decodificação de palavras individuais são frequentemente inesperadas em relação à idade ou a outras capacidades cognitivas; elas não são resultantes de uma incapacidade de desenvolvimento ou de um comprometimento sensorial. A dislexia se manifesta por uma dificuldade variável em diferentes formas de linguagem, incluindo, além de um problema na leitura, um problema conspícuo na aquisição de proficiência na escrita e no soletrar. Snowling (2004, p. 25).

Fonseca (2004, p. 24) conceitua que a dislexia é uma das diversas incapacidades distintas na aprendizagem. É um distúrbio específico baseado na linguagem de origem constitucional, caracterizada por dificuldades na decodificação de palavras isoladas, que geralmente refletem habilidades insuficientes de processamento fonológico. Muitos acadêmicos apresentam dislexia, em suas falas, destacam que faltou base durante o ensino fundamental e médio. O autor acrescenta que essas dificuldades na decodificação de palavras individuais por exemplo, são frequentemente inesperadas em relação à idade ou a outras capacidades cognitivas; elas são resultantes a uma incapacidade de desenvolvimento ou de um comprometimento sensorial. A dislexia manifesta-se por uma dificuldade variável em

diferentes formas de linguagem, incluindo além do problema de leitura, um problema conspícuo na aquisição de proficiência na escrita e no soletrar.

Alexia é um problema afásico visual, ligado à leitura. O cérebro não analisa os estímulos visuais, a compreensão da linguagem escrita fica comprometida e a ideia expressa através da escrita não é compreendida. A alexia, contrária à dislexia, assume que o indivíduo conduziu bem o seu aprendizado de leitura. Existem diferentes tipos de alexia determinados por problemas associados: perda do campo visual ou outro problema de linguagem. A maior parte das alexias é decorrente de um acidente vascular cerebral. Pinker (2000, p. 238).

Afasia é a perda da linguagem decorrente de lesão cerebral que, na maior parte das vezes, ocorre do lado esquerdo do cérebro. Pinker (2000, p. 239) descreve que é uma perda ou déficit da linguagem decorrente da lesão cerebral. Brust (2000, p. 239) explica que é um distúrbio adquirido da função da linguagem previamente intacta. Acrescenta que a afasia refere-se a uma anormalidade de um ou mais dos processos da codificação que fundamentam os vários componentes da linguagem, incluindo fala, compreensão oral, escrita e leitura. Esclarece que os surdos mudos afásicos apresentam deficiências da produção ou compreensão da linguagem de libras.

Apraxia pode ocorrer isoladamente, mas clinicamente são mais observadas como parte da síndrome afásica. A apraxia da fala é uma desordem na programação motora da fala, manifestando primariamente erros na articulação e, secundariamente, alterações compensatórias na prosódia (por exemplo, pausas e fala vagarosa) Pinker (2000, p. 240).

A alexia, afasia e apraxia são distúrbios tratados e acompanhado pelo neurologista e fonoaudiólogo, ressaltamos que nos estudantes acompanhados pelo apoio psicopedagógico clínico, foi observado sérios comprometimentos na leitura e escrita com algum quadro relatado acima.

Outras queixas relatadas e observadas entre os acadêmicos são:

Os transtornos da escrita, **disortografia, disgrafia, ortografia e discalculia.**

- **Disortografia** deriva dos conceitos dis (desvio) mais orto (correto) mais grafia (escrita), é uma dificuldade manifestada por um conjunto de erros da escrita que afetam a palavra, mas não o seu traçado ou grafia, Vidal, (1989), apud (TORRES e FERNÁNDEZ, 2001, p. 76).

- **Disgrafia** para Garcia (1998, p. 61) é uma dificuldade no desenvolvimento da escrita, mas só se classifica como tal quando, por exemplo, a qualidade da produção escrita mostra-se muito inferior ao nível intelectual de quem a produz.
- **Ortografia** é outra observação realizada no acompanhamento Psicopedagógico no Ensino Superior, a dificuldade em escrever e usar corretamente a gramática é visível nos estudantes.
- **Discalculia** deriva dos conceitos “*dis*” (desvio) + “*calcolare*” (calcular, contar), é um transtorno de aprendizagem que interfere negativamente na aritmética. Os acadêmicos adentram ao Ensino Superior com muitas dificuldades em cálculos, tendo prejuízos nas disciplinas que exigem competência matemáticas. Esclarecemos ainda, que alguns alunos têm dificuldade de interpretação, não conseguindo compreender o enunciado da questão que envolve cálculo. Ainda Garcia (1998, p. 61), destaca que são muitos os fatores que contribuem para o estudante apresentar discalculia, entre estes fatores cita a baixa motivação, fatores econômicos, problemas no núcleo familiar, alimentação incorreta em quantidade e/ou qualidade, baixa qualidade do sono, salas superlotadas, currículo escolar inflexível, manuseio inadequado de material didático e de metodologias de ensino, incorreta apresentação de estímulos, reforço inadequado ou insuficiente.
- **Agrafia** é um termo não muito conhecido no meio educacional, não é um transtorno comum entre os acadêmicos, mas alguns apresentam este transtorno advindo da educação fundamental. A pessoa que apresenta agrafia não consegue traduzir o que pensa por escrito, algumas apresentam boa coordenação motora, fala corretamente, não apresenta dificuldades na linguagem, mas não consegue se expressar escrevendo.

Demandas dos atendimentos:

1. **Emocional:** nos relatos dos acadêmicos é comum ouvir queixas relacionadas à tristeza por não compreender bem o que é transmitido pelos professores, ansiedade ligada à prova, bullying, racismo, mal estar físico por não se alimentar corretamente, por terem assistidos as brigas dos pais, isolamento, perda de interesse nos estudos, professores nada afetivos, são inúmeras as queixas ligadas ao emocional, diante dessa problemática são encaminhados a outros profissionais.

Martins (1997) destaca que os professores que se sabem pôr no lugar dos alunos, e que lhes falam com respeito, contribuem para que os dias na escola decorram mais

agradavelmente, com menos raivas, medos e frustrações. O ambiente torna-se, em geral, menos agressivo. Os professores empáticos contagiam os alunos com a sua atitude perante a vida: o tom de voz e o trato fá-los mais humanos.

2. Emocional/aprendizagem: a emoção envolve todos esses processos - Emocional/atenção, Emocional/auditivo, Emocional/baixa visão, aprendizagem, Déficit de aprendizagem, TDAH, Concentração; Memória; Auditivo; Ansiedade/prova/seminário e insatisfação com o curso sabe-se que o estudante tem uma vida emocional e afetiva, precisando estar bem para aprender, quando isto não ocorre, os processos cognitivos são prejudicados, o discente perde o interesse em aprender, afetando negativamente a sua aprendizagem.

Damáσιο (2009) sobre emoções diz que homens e mulheres de todas as idades e culturas guiam as suas ações à procura de emoções que lhe tragam alguma felicidade ou prazer. As emoções não são apenas humanas, existem também nos animais, contudo as emoções humanas são especiais, uma vez que, estão ligadas às ideias, aos valores, aos princípios e aos juízos complexos que só os seres humanos podem ter, sendo assim, os estudantes apresentam emoções diante do que acontece também na vida académica.

Ainda Damáσιο (2009) acrescenta que os nossos juízos intelectuais e morais são determinados pelas emoções, estas determinam, em parte, o modo pelo qual tomamos decisões e construímos a nossa própria imagem. No entanto, o impacto destas emoções, refinadas ou não, pois também podem ser desencadeadas pela “música barata” ou pelo “cinema de má qualidade”, exige também o sentimento e, este, por sua vez, exige a consciência.

É importante enfatizar que de todos os transtornos e dificuldades de aprendizagem, comentados neste artigo, os académicos já os apresentaram em algum momento e os encaminhamentos devidos foram realizados de acordo com as necessidades.

O mais relevante, é o apoio psicopedagógico que eles recebem e os encaminhamentos realizado conforme a queixa para os profissionais especializados em cada área.

Encaminhamentos dos académicos a outros profissionais

Após a avaliação baseada nas queixas trazidas pelos alunos são aplicados os testes e jogos psicopedagógicos que chamamos de instrumentais, onde se detecta o problema, o transtorno e a dificuldade específica de aprendizagem.

Encaminhamos aos profissionais dependendo da hipótese diagnóstica observada durante os atendimentos: Psicólogo; Psiquiatra; Fonoaudiólogo; Terapeuta ocupacional; Oftalmologista; Nutricionista; Neurologista; Entre outros, dependendo da queixa, da avaliação e diagnóstico psicopedagógico clínico.

O acompanhamento Psicopedagógico aos acadêmicos é um quesito fundamental para o sucesso no ensino e na aprendizagem; a escuta sobre as dificuldades e um aconselhamento muda a percepção que os alunos têm de si mesmos dentro do contexto universitário. Ser psicopedagogo é estar apto a oferecer o melhor ao aluno que procura um caminho para a resolução de seus problemas de aprendizagem.

Inclusão de alunos com deficiências no Ensino Superior

Entre os desafios que a educação enfrenta, podemos destacar a inclusão de pessoas com necessidades educativas no ensino superior. O processo de inclusão de pessoas com deficiências no ensino superior demonstra avanços significativos, mas concordamos que é preciso melhorar.

Cardoso e Magalhães (2009) consideram que a universidade é um campo social onde as diferenças estão presentes, também este lugar deve empreender ações objetivas que visem dirimir os silêncios e as ausências destinadas ao alunado com deficiência neste nível de ensino, acrescenta que as ações devem incitar a elaboração de políticas públicas de respeito às diferenças e especificidades do alunado, bem como ser capaz de programas de formação docente em nível inicial e continuada que torne aptos os docentes a ações educativas menos segregadoras e preconceituosas e mais respeitosa e inclusivas. Eis um desafio que se impõe à atual universidade brasileira.

Muitas universidades oferecem um ensino inclusivo, mas não dispõem de recursos para agregar estudantes com necessidade educativas, é preciso receber este educando e fazer com que conclua o curso com êxito.

Mittler (2003, p.23) diz que a inclusão diz respeito a todos os alunos, e não somente a alguns. Ela envolve uma mudança de cultura e de organização da escola para assegurar acesso e participação para todos os alunos que a frequentam regularmente e para aqueles que agora estão em serviço segregado, mas que pode retornar à escola em algum momento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 1996) esclarece no Art. 59 que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superlotação:

I- currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora.

A Lei esclarece pontos fundamentais para ser desenvolvidos na educação inclusiva no ensino básico, dando oportunidades futuras para que o ensino superior se adeque com relação aos recursos necessários aos estudantes que desejarem ingressar no ensino superior.

As Leis de inclusão no Brasil são bem elaboradas, mas infelizmente muitas não funcionam na prática, sendo muitas vezes ignoradas pelas instituições educacionais. Fazendo um levantamento histórico sobre a legislação brasileira inclusiva, o Art. 205 esclarece que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Em conformidade com o documento orientador programa incluir - acessibilidade na educação superior secadi/sesu – 2013, o ponto III – Marcos Legais, Político e Pedagógico explica:

Em consonância com a legislação que assegura o direito da pessoa com deficiência à educação; com a atual política de educação especial e com os referenciais pedagógicos da educação inclusiva, importa explicitar o significado destes marcos legais, políticos e pedagógicos, bem como, seu impacto na organização e oferta da educação em todos os níveis e etapas. III – Marcos Legais, Político e Pedagógico (2013. p.7).

Todas as modalidades de Educação têm sua relevância, aqui daremos ênfase ao ensino superior, o ponto III – Marcos Legais, Políticos e Pedagógicos (2013, p. 6) tem como finalidade ressaltar as condições necessárias para o pleno acesso, participação e aprendizagem dos estudantes com deficiência, na educação superior, sublinham-se os principais aspectos da legislação vigente e dos referenciais políticos e pedagógicos educacionais.

Oferecer um ensino de qualidade para todos, deve começar pelo educador em sala de aula, agregando todos e incentivando os alunos no processo de aprendizagem.

Saravali (2005) acrescenta que o verdadeiro ensino democrático é aquele que não somente garante o acesso, mas, sobretudo a permanência do aluno, enfocando a formação

integral e não somente o preparo profissional. Portanto, quando esse aluno chega à instituição superior e não consegue usufruir do ensino que ela e seus mestres promovem, acompanhar suas leituras e exercícios, desenvolver habilidades, aprender a acessar o conhecimento, a educação está longe de atingir seu ideal democrático, o autor está correto em suas colocações, precisa-se incentivar os acadêmicos a avançarem no conhecimento, a leitura de mundo precisa ser ampliada, o educador precisa afetar seus educandos para a construção de um mundo melhor, um ensino de qualidade e uma aprendizagem com significados.

O número de pessoas com deficiências no ensino superior têm aumentado nos últimos anos, segundo o Censo da Educação Superior em 2017 às matrículas em Cursos de Graduação de Alunos com Deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento ou Altas Habilidades/Superdotação, teve um aumento significativo. Abaixo destacamos as deficiências e o número de estudantes no Brasil que apresentam uma deficiência e estão incluídos no ensino superior. (INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

Quadro 1 - Número de pessoas com deficiências no ensino superior

ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR	
DEFICIÊNCIA FÍSICA	14.449
BAIXA VISÃO	10.619
DEFICIÊNCIA AUDITIVA	5.404
CEGUEIRA	2.203
SURDEZ	2.138
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	2.043
ALTAS HABILIDADES SUPERDOTAÇÃO	1.067
DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA	690
AUTISMO INFANTIL	378
SÍNDROME DE ASPERGER	376
TRANSTORNO DESINTEGRATIVO DA INFÂNCIA	226
SURDOCEGUEIRA	139
SÍNDROME DE RETT	123

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INE (2017)

Esses dados mostram que a educação brasileira vive um processo de transformação na educação inclusiva, incentivando através das Leis e as políticas educacionais inclusivas o acesso de pessoas com deficiências ao ensino superior.

O Brasil vem investindo nos últimos anos em programas de inclusão de jovens no ensino superior. O programa incluir – acessibilidade à educação tem como objetivo promover a inclusão de estudantes com deficiências na educação superior. Com a política de acessibilidade foi possível oportunizar aos jovens com deficiências ou não ter uma formação superior. (MEC).

Conclusões

A psicopedagogia é uma área de conhecimento nas dificuldades de aprendizagem humana, com atuação na escola, clínica, hospital e empresa, onde houver promoção da aprendizagem ali pode ter um profissional da psicopedagogia trabalhando.

O sofrimento de alguns acadêmicos requer muita observação por parte do psicopedagogo, pois as dificuldades que acompanham os estudantes são inúmeras. Precisa-se de uma análise sobre o contexto em que esse aluno se encontra, que chamamos de análise sistêmica. Na área da psicopedagogia existem os sujeitos e sistemas envolvidos nas dificuldades de aprendizagem, a psicopedagogia trabalha para amenizar esse “sofrimento”, não retirando do estudante suas responsabilidades com o processo de ensino e aprendizagem.

Foi visto neste artigo a relevância do acompanhamento psicopedagógico no Ensino Superior no Brasil. Os alunos ingressantes chegam com muita expectativa com relação ao curso, e as Universidades devem estar preparadas para receber estes alunos e oferecer o apoio que eles necessitam para terem êxito nos estudos.

Os transtornos, as dificuldades e os problemas de aprendizagem são inúmeros, requerendo um profissional habilitado para atender essa demanda, que muitas vezes demonstra fragilidades na vida pessoal, social, psicológica e acadêmica.

Com relação a inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais no Ensino Superior ainda é um grande desafio, mas os números mostram que aumentou consideravelmente, que as políticas públicas e educacionais possam investir mais e o estudante do ensino médio ingresse no ensino superior.

Conclui-se com este trabalho que é preciso divulgar mais o trabalho do psicopedagogo no Ensino Superior, a relevância de sua atuação no contexto educacional na universidade ainda é tímida, o trabalho do psicopedagogo no ensino superior é de fundamental importância no Ensino e Aprendizagem. As literaturas a respeito da temática aos poucos estão sendo desenvolvidas.

Esperamos que a partir desse ensaio sobre a Psicopedagogia no Ensino Superior outros leitores possam escrever sobre essa prática que vimos como essencial no dia a dia de uma universidade.

Que as universidades públicas e particulares sejam mais inclusivas e receba um número cada vez maior de alunos com deficiências.

Referências

ANTUNES, Celso. *Aprendendo o que jamais se ensina*. Fortaleza: Edições livros técnicos, 2005.

ASSUNÇÃO, Elisabete da; COELHO, Maria Teresa. *Problemas de aprendizagem*. São Paulo, SP: Editora Ática, 2002.

BRUST, John C.M. *A Prática da Neurociência: das Sinapses aos Sintomas*. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2000.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza (2007). *Psicologia da aprendizagem*. Ed. 36ª Petrópolis-RJ. Vozes, 2007.

CARDOSO, Ana Paula Lima; MAGALHÃES, Rita de Cássia B. P. *Inclusão no Ensino Superior: caminhos propostos por uma professora e seu aluno cego*. In Encontro De Pesquisa E Pós-Graduação, 9, Fortaleza. 2009.

DAMÁSIO, A. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Publicações: Europa América, 2009.

DISTÚRBIOS / TRANSTORNOS / DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
<http://www.mlspsicopedagogia.com/5.html#anc6> - **Fonte:** <http://www.tdah.org.br>

FONSECA, Vitor da: *Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura*. V Fonseca - *Revista Psicopedagogia*, 2009.

FONSECA, Vitor. *Dificuldade de Aprendizagem, abordagem neuropsicológica e psicopedagógica ao insucesso escolar*. Lisboa: Âncora editores, 2004.

FONSECA, Vitor. *Escola. Quem és tu?* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MARTIN, D. *O que é a Inteligência Emocional*. Biblioteca Pergaminho, 1997.

PEREIRA, R. S. *Dislexia e Disortografia – Programa de Intervenção e Reeducação* (vol. I e II). Montijo: You!Books, 2009.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

PINKER, Steven. *O Instituto da Linguagem: Como a Mente Cria a Linguagem*. São Paulo: Martins Fonte, 2002.

ROGER, Carl. *Liberdade de Aprender em Nossa Década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

SÁNCHEZ-CANO, Manuel; Bonals, Joan. Org. *Avaliação Psicopedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2008. Tradução Fátima Murad.

SARAVALI, E. G.; GUIMARÃES, K. P. *As dificuldades de aprendizagem na visão de futuros educadores: o que dizem estudantes do curso de pedagogia?* In: Congresso Estadual Paulista Sobre Formação De Educadores, 9, 2007, Águas de Lindóia. Anais. São Paulo: UNESP, 2007. v. 1, p. 94-104.

SILVA, D. M. A. *Dificuldades de aprendizagem: dislalia e disgrafia*. Brasília: Faculdade Albert Einstein, 2009.

SNOWLING, Margaret J. *Dislexia*. 2ª ed. Livraria Santos Editora Ltda. São Paulo, 2004.

TAVARES, J. et. al. Docência e Aprendizagem no Ensino Superior. In: Investigar em Educação. *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, n.º 3, Junho. Lisboa: SPCE, 2008 p. 15 a 55.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SOUSA, Léa Barbosa de; AGRELLO, Marisa Pascarelli. A Psicopedagogia no Ensino Superior: Relato de Experiência sobre as Principais Queixas dos Acadêmicos em uma Instituição Universitária no Brasil. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 1137-1152. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 18/05/2020;

Aceito: 21/05/2020.